

Teatro na Arena

Carlos Porto

TOURO, de Abel Neves. **Versão cénica e Encenação:** João Mota. **Música:** Carlos Mendes. **Figurinos:** Carlos Paulo. **Mestre de toureio de salão:** Álvaro Catoja. **Interpretação:** Isabel Medina, Cecília Sousa, Maria Marília, Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Carmen Marques, José Pedro Gomes, Marques Arede, Jorge Loureiro, Carlos Paulo, Abel Neves, João Mota, António Melo, Alfredo Brissos, Paulo Ferreira. **Músico (o trompete):** Luís Manuel Figueiredo Ramos. **Grupo Comuna.** **Estreia: 25-7-1986 (26-7-1986).**

Encontrar no mesmo espectáculo algo que se detesta através de uma forma que se aprecia — eis o que pode acontecer a quem for ver a nova criação da Comuna, no caso de não gostar de touradas e gostar de teatro. Isto sem que se deixe de ter presente a necessidade de se formular um juízo sério sobre o espectáculo esquecendo a motivação de que partiu.

Talvez isto exija uma explicação pessoal que me obrigará a uma intromissão, ainda por cima contestatária, num domínio que não é o meu mas sim do meu colega das quintas-feiras, aliás admirável cronista de touros que gosta de teatro.

Pela minha parte detesto touradas desde os meus 6 ou 7 anos quando vi uma, numa praça de touros de Penafiel, que felizmente já não existe, há muitos anos. O ter visto o desespero de um touro nos seus esforços para fugir da arena acabando por partir as pernas ao saltar a barreira, foi coisa que nunca esquece e me vacinou em relação a touradas. Poder-se-á considerar se se quiser, que foi uma fixação da in-

fância. Não ignoro os argumentos dos que defendem, aliás legitimamente, a prática da tourada, quando dizem que os que não a aceitam não deixam de apreciar um bom frango ou um bom bife. Argumento capcioso porque não se trata de ter piedade pelos animais, embora: 1.º por mim, posso garantir que não costumo pôr-me a admirar a perícia do matador do frango ou do boi que vou comer (embora aprecie um bom frango à cafre ou um bife tenro: é que comer é uma necessidade vital, não a tourada); 2.º repito, não se trata apenas nem principalmente de ter piedade pelos touros, embora o seu sofrimento não seja agradável, mas sim de ter piedade pelas pessoas que são capazes de se divertir com esse sofrimento e sobretudo exigem que os toureiros se exponham à morte pra melhor os apreciar.

E se e quando não se expõem o suficiente, acabam por ser apupados (o facto de se tratar de um risco voluntário é irrelevante). Espectáculo sanguíneo, e portanto bárbaro, admito que possa ser um belo espectáculo. Tam-

bém uma floresta a arder pode ser um belo espectáculo — há quem aplauda os incendiários?

Parece-me mesmo assim a tourada à portuguesa menos inaceitável por ser, em parte, a fingir; por haver nela uma distância que felizmente recusa a tragédia, ou tende a recusá-la: dir-se-ia que a tourada à portuguesa assume um carácter brechtiano, ao contrário da tourada à espanhola que exige, através do touricídio, como se diz no programa e a palavra é bem significativa, a presença da morte.

Isto vem a propósito do novo espectáculo da Comuna que, no entanto, só em parte leva a tourada a sério. Aliás, é possível descobrir três linhas neste «Touro» teatral: a linha dramática que tem a ver com a presença do toureiro (Manuel), com os seus jogos de amor e morte; a linha paródica, em que o espectáculo goza com a tourada como arte, surgindo o touro como a forma burlesca de um animal mitológico, os jogos da arte são travestizados como formas de diversão (caso por exemplo da pega de caras que, aliás, me parece ser o aspecto mais interessante da corrida à portuguesa); a terceira linha, propõe um outro imaginário através da vocação onírica do Moço da arena cujo gesto repetido de limpar esta, em forma de espiral, é talvez o que existe de mais bonito no espectáculo.

«Touro» é um texto de Abel Neves, autor do texto de «Amadis» e colaborador como dramaturgista e actor de outros espectáculos do grupo. Com esta óp-

tima oficina, Abel Neves acabará por descobrir que a poesia é, em teatro, uma respiração, não uma máscara de oxigénio, e portanto a saber podar os seus textos de excrescências pseudopoéticas que ainda os prejudicam. O facto, no entanto, de um grupo representar textos de um autor nacional vivo é uma raridade que não pode deixar de ser saudada. Sempre defendi que ãe no palco que os dramaturgos se transformam em autores teatrais e por isso um trabalho como este, mesmo no que tem de falhado mas sobretudo no que revela das potencialidades de um novo escritor dramático, não pode deixar de ser considerado positivo.

É portanto na linha do conflito do toureiro que o espectáculo se complica e debilita, com uma história a três: o irmão do toureiro a roubar-lhe a noiva. E logo a cena dá como resultado um gesto tradicional, uma, talvez involuntária, visão crítica das touradas: é que há um jogo com navalha, embora esta não chegue a ser utilizada, acabando tudo em bem, com o toureiro a matar o touro, como deve ser, calculo. A matar fingindo, já que é assim no teatro, por isso é este uma forma de civilização tal é dito no texto.

Como com os espectáculos anteriores, João Mota ainda desta vez propôs um novo jogo com o espaço da Comuna, aqui funcionando naturalmente em arena, com os espectadores sentados no alto, como se estivessem de facto numa praça de touros. Ao mesmo tempo que criou lugares para os actores-espectadores da



tourada. A excelente iluminação, a música forte de Carlos Mendes, os fatos muito bons de Carlos Paulo, em especial os vestidos duplos das Mulheres, o trabalho com os objectos de cena e sobretudo o touro que é transformado numa espécie de ave (ou avião?), todos estes elementos ajudam a fazer de «Touro» um espectáculo cenicamente eficaz, tal como a Comuna nos habituou. Aliás, como escreveu há anos Augusto Boal, goste-se ou não dos espectáculos este grupo, não se pode deixar de reconhecer que há sempre neles qualquer coisa de vivo, qualquer coisa que merece ser apreciada (cito de cor).

Este espectáculo permitiu a Almeno Gonçalves (Manuel) revelar-se à altura de um trabalho de maior responsabilidade, já que o seu Toureiro é uma das

fontes de energia do espectáculo, aliás, bem acompanhado por Carmen Marques, na Noiva. Ao contrário de José Pedro Gomes que me pareceu aqui de uma debilidade que não lhe é habitual. Em dois papéis (Moço da arena e Talhante) Carlos Paulo, uma vez mais, evidencia o seu talento de grande comediante.

As outras personagens são sobretudo de coro, em especial as Mulheres, como Amélia Videira, Isabel Medina, Maria Marília, Cecília Sousa; o mesmo se podendo dizer de Marques Arede, Jorge Loureiro e do próprio Abel Neves, etc.

Vai ser curioso saber como o público pró ou antitourada vai reagir ao espectáculo. O fundamental é ter em consideração que se trata de um espectáculo de teatro, e não qualquer outra coisa.